

**Escrita e oralidade:
apresentação de TCC em
cursos técnicos integrados ao
ensino médio**

Fernando Régis da Silva

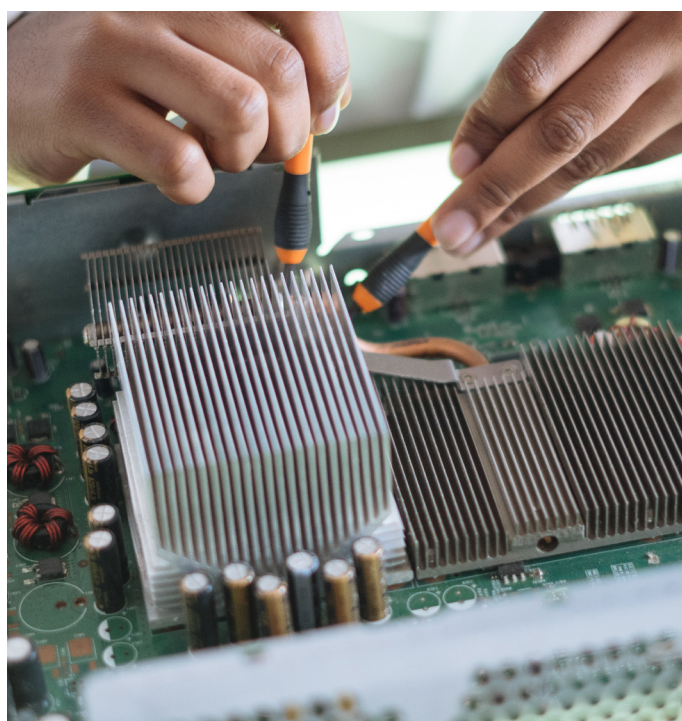
13

A observação da atividade docente e do funcionamento da escola durante o primeiro estágio obrigatório da licenciatura costuma ser encarada, por muitos graduandos, como uma sequência de idas à escola sem implicações significativas para a nossa formação, como uma formalidade a ser cumprida antes de realizarem os estágios de regência em sala de aula. A minha experiência durante este primeiro estágio obrigatório, no entanto, trouxe-me uma série de inquietações. Este estágio teve início no dia 11 de novembro e foi finalizado em 15 de dezembro, no Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP) Professora Lourdinha Guerra, localizado em Parnamirim/RN, tendo como supervisora uma professora da área de Linguagens.

Esta instituição é uma escola de ensino médio técnico integrado em tempo integral, que oferece dois cursos técnicos: um de informática e outro de manutenção e suporte em informática. Dentre as experiências que tivemos neste estágio, como observação de aulas e exercícios de leitura, preparação de materiais, entrevista

com membros da direção, entre outras, gostaria de focar mais atentamente em uma experiência que considero das mais significativas para a minha formação: a observação de três bancas de trabalhos de conclusão de curso (TCC). A conclusão do curso técnico de nível médio está condicionada à entrega de um trabalho de pesquisa que os alunos devem realizar sobre algum tema relacionado à sua área de estudo, no caso específico do CEEP Lourdinha Guerra, informática ou manutenção. As apresentações que observamos eram todas da área de informática e a banca examinadora contou com três professores, sendo um professor do curso técnico orientador dos trabalhos e duas da área de linguagens. Devido à grande demanda de trabalho dos professores, os alunos não realizaram o trabalho individualmente, como seria próprio a um TCC, mas sim em grupos de três alunos.

Inicialmente, partimos de uma constatação quase óbvia, a de que os estudantes do ensino médio possuem pouco contato e familiaridade com gêneros textuais próprios do meio acadêmico, a exemplo do TCC. Isso faz com que eles apresentem muita dificuldade em organizar o seu texto de forma adequada, atendendo aos critérios básicos de composição desse gênero. Elias e Koch (2018, p. 58) nos ensina que os gêneros são “modelos’ construídos socialmente”, e que esses “modelos são constituídos e reconstituídos ao longo de nossa existência em decorrência das inúmeras práticas sociais de que participamos”. Dessa forma, os gêneros se caracterizam por serem modelos estáveis, embora não necessariamente rígidos, de composição de textos. No caso da pesquisa que resulta em um TCC, o aluno deve observar algumas ca-



(RF Studio/Pexels)

racterísticas que integram o plano composicional desse tipo de trabalho, como a definição de um tema e de um problema que impulsiona os alunos a pesquisar, os objetivos da pesquisa, a metodologia utilizada, a fundamentação teórica, a apresentação dos resultados da pesquisa e a avaliação/conclusão tomada a partir deles.

A partir das bancas que observamos, pensamos que os temas mobilizados pelos alunos em suas pesquisas foram bastante relevantes. Um exemplo disso está em um dos trabalhos, que abordou o processo evolutivo dos processadores a partir do aperfeiçoamento dos jogos. O problema identificado pela banca, neste como nos outros trabalhos, estava no nível da organização textual, acontecendo, por vezes, de incluírem os resultados no tópico da metodologia, ou de apresentarem os dados da pesquisa sem debatê-los, sem fazerem uma avaliação dos resultados com base nos pressupostos teóricos que eles adotaram, ou mesmo de usarem um mesmo verbo para definir vários objetivos. Há outro problema também identificado, que é o da coerência entre o texto escrito e a apresentação oral diante da banca, pois o TCC comporta esses dois momentos.

Entendemos que todos esses problemas partem da falta de intimidade dos estudantes do ensino médio com os gêneros que circulam no meio acadêmico, ou seja, é um discurso que não é próprio da sua vida escolar cotidiana. Isso se apresenta, portanto, como um desafio a ser respondido pela escola, sobretudo pelos professores de linguagens. Sem ilusões de buscar com que os alunos tenham pleno domínio desses gêneros, é preciso buscar caminhos didáticos que diminuam a estranheza desses textos

perante os alunos, sobretudo se eles pretendem ingressar em um curso universitário. Como nos aponta Irandé Antunes, ao discorrer sobre os gêneros textuais:

Como em outros domínios sociais, sujeitamo-nos aos esquemas convencionais, definidos institucionalmente e legitimados pela sua própria recorrência. Saber usá-los constitui uma exigência do mundo letrado em que circulamos; certamente, essa é a verdadeira competência que cabe à escola desenvolver. (ANTUNES, 2008, p. 34)

Assim, são bastante pertinentes as considerações que os professores da banca fizeram em conversa entre si, enquanto avaliavam os trabalhos. Eles constataram que é preciso haver uma melhor aproximação entre os professores de linguagens junto aos professores da base técnica, a fim de melhorar o acompanhamento da produção textual dos alunos. Foi suscitada a possibilidade de oferecimento de uma disciplina eletiva de produção textual, com o intuito de fazer com que os alunos produzam gêneros como resumo ou resenha crítica, que os auxiliariam a produzir um TCC posteriormente.

Outro ângulo de análise está na atividade avaliativa deste tipo de trabalho por parte do professor de linguagens. Se uma visão tradicional preconiza a correção baseada em questões formais, ligadas às regras da gramática normativa ou as regras da ABNT para composição do gênero TCC, pudemos constatar que a avaliação das professoras de linguagens presentes nas bancas ocupava-se de questões referentes aos propósitos comunicativos dos textos de seus alunos. Essa abordagem pode ser inferida em pontuações como: “o título precisa transparecer melhor o tema da pesquisa”; “os objetivos devem ser definidos de maneira mais clara”; “é

preciso debater as conclusões que vocês tiveram a partir dos resultados”. Pontuações dessa natureza traduzem uma preocupação com o leitor do texto, ou seja, com a situação comunicativa implícita a qual o texto serve. Desse modo, as professoras demonstram que o ponto central na sua tarefa de avaliar um TCC é saber se esse texto apresenta ao leitor adequadamente e de maneira transparente o seu tema e o seu problema de análise, em outras palavras, se ele cumpre com sua função comunicativa. Isso não significa que as professoras desconsideraram as regras ortográficas, sintáticas ou as normas técnicas durante a correção, mas que essas questões não são a principal preocupação.

Nós entendemos que, subjacente a essa atitude docente na hora de avaliar, encontra-se uma concepção de língua como lugar de interação, ou, nas palavras de Marcuschi (2008, p. 61), “uma prática sociointerativa de base cognitiva e histórica. (...) Um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas”. A partir dessa concepção, chega-se à noção de texto, conforme Koch (2011, p. 17), “como o próprio lugar da interação”, em que os interlocutores são sujeitos ativos na construção de sentidos. Consequentemente, as professoras de linguagens apontavam que essas pesquisas apresentadas nas bancas de TCC poderiam servir a futuros alunos da própria escola, como fonte para outras pesquisas. Logo, é fundamental garantir que os textos estejam bem construídos de acordo com seu propósito, com uma boa progressão textual, selecionando, organizando e desenvolvendo as ideias de maneira lúcida, a fim de que outras pessoas consigam acessá-los e que sirvam de fundamento para aprofundar o

assunto.

Essa experiência de observar a defesa de TCC, aparentemente simples, foi marcante por me fazer enxergar como ser coerente, na prática educativa, com os pressupostos teóricos aos quais nos filiamos durante a graduação. Por outro lado, trouxe uma reflexão sobre como nós estagiários podemos contribuir com os supervisores e atuar diante de situações como essa, organizando um plano de atividades que responda às necessidades da escola e da disciplina. Assim, é interessante que o primeiro estágio, além de servir para observar a organização da escola e a atuação docente, sirva também como diagnóstico, a partir do qual iremos pensar a atuação nos estágios subsequentes.

Referências

- ANTUNES, Irandé Costa. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.